



O barco de Hemingway

BETO VIANNA*

No que diz respeito às nossas emoções - minhas, e, aposto alto, de quem está lendo isso daqui - Cuba não é uma ilha, é uma península. É um mundo bem diferente, mas Cuba não está isolada de muitíssimos de nós. Em janeiro de 2009, quando a Revolução fizer 50 anos, quase 100% da população mundial (à exceção dos senhores e senhoras com 100 anos ou mais) terá passado a maior parte de sua vida dividindo o mundo com uma Cuba socialista, e esse único detalhe da recente história mundial sempre fez uma diferença enorme para todos nós.

Ilhada, bloqueada, fodida até a medula em sua história toda, Cuba sempre deu um jeito de manter um fio fino de terra ligado ao resto da Terra. Cuba é uma incongruênciazinha geopolítica, como um Davi palestino ou um Asterix romano. Se ao navegante James T. Kirk permitissem definir a Ilha, ele diria que ela é o próprio espaço: "onde jamais esteve".

Há uma piada cubana que diz que todo cubano chegou à Ilha num barco. É verdade. Tirando uns Guanahabey, de quem só se tem notícia por ouvir-dizer (o que não deixa de ser um jeito de navegar), o povo mais antigo de Cuba são os Taíno, de origem sul-americana, tão aruaques - "comedores de farinha" - quanto os nossos.

Chegam ao Caribe pela única via possível, a marítima. Da mesma Sudamérica vêm aportar na Ilha os terríveis Carib, remando no encaço canibal dos pacífico Taíno, segundo a louca fantasia dos primeiros espanhóis.

O resto da história está escrito. Cristóvão Colombo orçou a Europa Caribe adentro - Bahamas, Cuba y Hispaniola -, aportando nas primeiras terras-à-vista do ocidente realmente ocidental: a América.

Veja só, Cuba já eram pedras no caminho da América há 515 anos. De barco chegaram em seguida os mastros do patriarcado espanhol, fundeando as Índias e as Índias, e logo a força braçal negra, também pelo mar, pra ser apoiada na lavoura de cana e tabaco.

De barco vieram mais índios escravos, e mais conquistadores transplantados, e hordas de bucaneiros, e os ingleses, depois os libertadores de mentirinha: a U.S.S. Enterprise gringa e mafiosa (duplamente embarcada, desde a Sicília) e a sua armada, os Mariners.

Esses, sempre miraram Cuba com uma política de cabotagem. De barco vieram libertadores de verdade, desde o índio algo mítico Hatuey, e depois Martí, os exilados e retornados dos EUA e do México, o último deles o Granma trazendo Che e Fidel (diz uma continuação da piada que esse é o maior barco do mundo, pois dele desembarcaram 11 milhões de cubanos). E agora escancaram-se as escotilhas pra nós, os turistas embasbacados, alguns por via aérea, é verdade, mas não se engane: todos no mesmo barco.

Cuba é tudo isso que conta a piada do barco, nunca menos. É uma pena que nos relatos de viagem de brasileiros em Cuba, ou nas muitas discussões sobre a Ilha que travamos por aqui mesmo, a pauta seja dominada pelo é-bom-mas-é-ruim, ou, como é hoje mais da moda, é-até-legal-mas-não-vai-dar-certo.

Na internet tem um desses típico, a série "Diário de Cuba", do Antônio Prada, diretor de mídia do provedor

Terra. Procura no Google o último texto, que é diversão garantida: "Na hora de ir embora, mais dúvidas do que certezas". É como se nós, brasileiros, de um gole ganhássemos uma sutil consciência política, bebendo realidades que não a nossa, decretando a economia lastimável de um povo e um governo até bacaninhas, mas atolados nos estertores de uma utopia arcaica, há muito abandonada no Ocidente (o da Europa, ou seja, do oriente).

É quem, dizemos aos nossos botões progressistas, Cuba pensa que é pra achar que uma aventura dessas vai vingar logo na América Latina? Logo na pobre e podre e atrasada América Latina! O umbigo é um troço ruim pra burro de ver. Quantas vezes temos que perder da seleção cubana de vôlei feminino pra desconfiar que O Problema é aqui, e não lá (ou não é mais lá há 48 anos, ao menos esse problema de que estou tentando falar?)

O que Darcy Ribeiro genialmente escreveu sobre a morena formação dos brasileiros aplica-se, no geral, aos cubanos. O que ao nossos olhos colonizados é permitido ver hoje na Ilha, tanto do ótimo quanto do péssimo, não é (apenas) uma construção do ânimo revolucionário, mas uma história quicentenária de um povo que passou a maior parte do tempo vivendo não pra si, mas pros outros. Como nós.

É só que, em relação à nossa novela, Cuba tem uns cabeludos capítulos adicionais, que deixam o filme deles mais B. Quais são, leitor atento (pô, leitora também), você já deve até saber, mas continuo essa perrenga caribenha na próxima edição do Cometa, se o destino e os editores deixarem.